

Estudo de cartas: Identidade(s) no contexto migratório

Marciana Santiago de Oliveira

marcianasantiago@hotmail.com

Bolsista Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciência
Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Resumo: Nesta comunicação será apresentado o estudo de três cartas escritas por remetentes masculinos que foram publicadas na íntegra no periódico: *Boletim das Migrações Vai Vem* da década de 1980. Fontes estas, que se encontram no acervo do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor (IAJES) sob a guarda do Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). A edição do periódico era feita pelo Centro de Estudos Migratórios – São Paulo (Missionário de São Carlos) e Centro Pastoral dos Migrantes – São Bernardo do Campo (Diocese de Santo André), ambos do estado de São Paulo. O Centro de Estudo Migratório (CEM) em parceria com o Centro Pastoral de Migrantes (CPM) passou a publicar, em junho de 1981, o *Boletim Vai Vem*, primeiramente trimestral e depois bimestral, até o ano de 2010 quando se tem o último número publicado. Cabe ponderar, assim como destacado no editorial, o periódico buscava ser um instrumento para consolidar e fomentar as lutas dos migrantes após terem sido deslocados – migração forçada - de sua terra natal. No corpo dos exemplares temos conteúdos riquíssimos a serem analisados como: poesias, músicas feitas pelos próprios migrantes, notícias dos movimentos migratórios de todo o Brasil e do mundo que ressaltam o contexto migratório. Tem-se, também, as cartas escritas por migrantes enviadas para familiares, amigos e ao editorial do *Boletim Vai Vem* que as publicava na íntegra e/ou por trechos acompanhados de análise ou comentário do editorial. Desta forma, aponta-se para a análise das três cartas, dentro do campo das representações que entrelaçam a memória e as redes simbólicas do imaginário dos migrantes, com um olhar para a matéria prima, ou seja, suas próprias narrativas. As histórias de vida dos migrantes permitem compreender suas trajetórias pelo fazer-se da mobilidade do trabalho, assim sendo, a reflexão identitária dar-se-á pela perspectiva da História Social do Trabalho. As narrativas epistolares são vestígios primordiais ao ofício do historiador, sobretudo à compreensão do conceito de identidade e suas implicações no contexto migratório, pois expressam as atitudes e representações do sujeito migrante no âmbito do público e/ou privado. Entende-se a (re)construção da identidade migratória como processo *continuum* na vida dos migrantes, uma vez que ela se constitui a partir da *transitoriedade migratória* que abarca não somente o duplo sentimento de pertencimento de lugares e espaços como sua condição de sujeito migrante.

Palavras-chave: Cartas; Migração; Identidade.

Introdução.

O estudoⁱ inicia-se com a prática do diálogo da História com a Arquivologia (atividade desenvolvida como pesquisa coletiva do grupo PET-História “Conexões de Saberes” – UFMS/CPTL) para o trabalho de descrição, classificação e catalogação das fontes do acervo documental do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastorⁱⁱ (IAJES).

A práxis no universo arquivístico tem proporcionado não só a disponibilização de tais fontes à comunidade acadêmica e local, mas também tem despertado nos alunos que trabalham neste acervo para inúmeras pesquisas. Foi neste processo que vislumbramos na série do *Boletim Vai Vem* como uma possibilidade de pesquisa histórica.

Pautados no campo da História Social do Trabalho e na perspectiva da história vista de baixo para cima (SHARPE, 1992, p. 41), buscaremos explicar pontos pertinentes sobre a construção da(s) identidade(s) para sujeitos migrantes por meio de suas narrativas epistolares, que compõem o *Boletim Vai Vem*.

Cabe destacar que este campo de pesquisa se desenvolveu nas décadas de 1970 a 1980 em função da nova conjuntura política e do crescimento das lutas trabalhistas no Brasil e no mundo. Esta perspectiva compreende a história social pelo viés do trabalho, sobretudo a partir das pesquisas britânicas, como de Eric Hobsbawm e Edward Thompson, em que as pessoas comuns - trabalhadoras e trabalhadores - são personagens centrais das histórias e da História.

Fazer-se migrante: identidades no contexto migratório.

O homem e sua especificidade humana cria um texto para exprimir a si mesmo.
BAKHTIN (2003)

Segundo Malatian (2009, p. 204) as cartas expressam e ocultam a vida privada de acordo com as regras apresentadas e o pesquisador ao analisá-las deve

levar em consideração o seu caráter subjetivo, a materialidade do objeto e a “veracidade” dos fatos:

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais.

Tendo em vista os cuidados metodológicos apontados por esta autora, iniciamos nossa discussão identitária no processo das migrações com a história de José Carlos da Silvaⁱⁱⁱ, intitulada pelo remetente de “A história de um acampado no Ibirapuera/SP”.

O título é um dos indícios de que o remetente quer direcionar o olhar do leitor para sua definição identitária. Portanto, temos que levar em consideração esta verdade do sujeito, ou seja, o olhar do remetente para um determinado momento que escreveu a carta, pensando ainda, nas intenções dele para com o seu destinatário.

José Carlos da Silva começou a trabalhar ainda garoto como engraxate e entregador de marmitas, em sua cidade natal Telêmaco Borda, interior do estado do Paraná. Seu pai trabalhava em uma fábrica, e “seguindo” os passos de seu pai o mesmo participou de alguns cursos oferecidos por fábricas. Passado alguns meses, foi contratado por uma das fábricas parceiras do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), porém foi despedido do emprego ao término dos cursos que fazia.

Diante deste cenário José Carlos da Silva sonhava com novas veredas. Caminhos que lhe trouxessem estabilidade e esperança de uma vida melhor. Assim sendo, em 1975 migrou para a cidade de São Paulo, mas a realidade deste novo caminho foi assinalada por inúmeras dificuldades, tais como a busca de um novo emprego, a compra de uma casa própria, dentre outros.

José Carlos da Silva consegue um emprego de servente de pedreiro e, em seguida, como pedreiro. Neste período aproveitou para aprender um pouco do trabalho de eletricista, e não demorou muito para conseguir emprego de eletricista

instalador em uma fábrica de São Paulo. Com esse novo emprego José Carlos havia de acompanhar a empresa que prestava serviço em inúmeras cidades, como o mesmo narra a seguir:

Nessa caminhada passei para obras de vulto como Jari, Canal de Simão, Itaipu, Centrais Elétricas Térmicas em vários Estado do Norte, Centro e Sul do Brasil, Itaipu, Rodovia dos Imigrantes, Rodovia Rio-Santas, Parto de Tubarão, Casifa, área da Petrobrás em Cubatãs, Camacari, Paulinia e Areucária, Metro de São Paulo, Ponte Niterói (p. 11).

Pode-se observar que as condições de trabalho dessas empresas não eram das melhores. Os trabalhadores passavam horas de suas vidas com dedicação ao emprego, como José Carlos assinala: “Nessas firmas tinha de fazer em média 4 horas extras por dia, muitas vezes tendo de dobrar. Se não o fizesse era demitido, o que aconteceu várias vezes quando passei a compreender que estava sendo explorado” (p. 11).

Em 1977 José Carlos tentou estabilidade em outra fábrica em Guarulhos, São Paulo, para não precisar sair de sua casa. Era grande a inquietude diante das condições de trabalho. Diante disso envolveu-se em uma greve, juntamente com demais trabalhadores, em maio de 1978, reivindicando melhores condições de trabalho. Pelo seu envolvimento nas mobilizações José Carlos foi mandado embora do emprego. No mesmo período entrou em outra fábrica e se envolveu em outras manifestações, e novamente foi demitido, como o mesmo relata a seguir:

Consegui um emprego de ajudante na MEB de Guarulhos mas fui mandado embora devido a greve de maio de 1978. Fiquei 3 meses desempregado e consegui entrar na Bâlem, na mesma função ajudante. Com a luta dos trabalhadores surgiu a greve de novembro e perdi o emprego novamente (p. 12).

José Carlos resolveu voltar para sua terra natal no estado do Paraná, trabalhando novamente em montagens industriais. Neste período, casou-se e constituiu família, tendo duas filhas. Passavam-se dias e dias, e as condições financeiras só pioravam. Diante desta situação, a família decidiu voltar todos juntos para São Paulo.

A volta para São Paulo, e agora com a sua família, foi marcada por muitas esperanças de uma vida melhor, principalmente com a expectativa que na cidade teria bons empregos. Mas a realidade foi dura, como José Carlos aponta a seguir: “lutei para conseguir emprego em São Paulo e ao mesmo tempo fazia bicos de eletricidade. Como não dava pra manter direito as filhas a situação familiar foi ruindo e acabei perdendo a companheira” (p. 12).

Neste momento da carta, ou melhor, de sua vida, José Carlos vivencia a perda da família, o que torna mais difícil a caminhada. Sua vontade de lutar por melhores condições de vida é aguçada perante as dificuldades enfrentadas.

Esta narrativa proporciona uma riqueza de análise histórica, principalmente por compor um Boletim, que se considera um instrumento de “conscientização” de luta dos migrantes. O remetente sabe qual é o público a que sua carta está voltada e a importância das suas narrativas epistolares para o movimento organizado dos migrantes.

Os migrantes desenham suas histórias no campo das representações que entrelaçam a memória e as redes simbólicas do imaginário. Os narradores interpretam o vivido segundo um conjunto de (re)significados, assim compreendemos a práxis da experiência para além do âmbito do vivido, pois:

Não se trata apenas de discurso, porém de atividade humana, de realização, de práxis. A práxis e o pensamento aparecem numa relação de indissolubilidade. O conteúdo de todas estas narrativas remete ao imaginário, à recriação da experiência, ao recontar da história e da memória, à (re)invenção de representações simbólicas (SILVA, 2001, p. 13).

A narrativa de José Carlos da Silva representa uma partícula nas cartas que compõem o *Boletim Vai Vem*, todavia demonstra como os migrantes são seres em trânsito, que vive no vai vem das migrações. A dicotomia do duplo sentimento de pertencimento a lugares e espaços e ao mesmo tempo não pertencimento, norteia a vida dos migrantes de tal forma que suas identidades se constituem no fazer-se da migração, no fazer-se *continuum* da *transitoriedade migratória* (GOËTTERT, 2008, p. 4).

José Carlos da Silva finaliza sua narrativa, demonstrando uma conscientização de luta, a qual sempre teve, mas que agora se objetiva na organização social coletiva dos desempregados no Ibirapuera – São Paulo: “por acreditar ser ele um grito desespero que vai ecoar por todo o Brasil e alertar os trabalhadores para lutar por um emprego decente, com salários dignos e estabilidade” (p. 12).

A segunda carta é escrita por Agostinho Nilson Neto^{iv} que está intitulada “Luta do migrante pela Moradia”. Este narrador trabalhava como arrendatário em um sítio de São João do Ivaí, no estado do Paraná, mas estava desanimado com a condição de trabalho que lhe era apresentado, pois tudo que estes trabalhadores colhiam mais da metade era para o patrão.

No mesmo ano de 1967, acreditando nas propagandas de trabalho que diziam existir na cidade de São Paulo, o mesmo deixou sua família em busca de novas condições de trabalho na capital paulista. Chegando à cidade, viu que tudo era muito diferente do que diziam.

Primeiramente teve que comprar “um barraco”, para fazer sua casa, e para isso foi preciso trabalhar em uma das metalúrgicas na Vila de Prudente. Torna-se interessante observarmos a comparação que Agostinho Neto faz da terra arrendada com a casa de aluguel na cidade:

Concegui emprego numa metalúrgica na Vila Prudente, conseguindo logo depois comprar 1 barraco na favela do Parque Santa Madalena por 25 mil, pois pagar aluguel era mesmo que viver em terra arrendada. Foi infeliz na compra do barraco, pois veio a chuva derrubou tudo, era tudo o que tinha, ficamos sem saber o que fazer [sic] (p. 16).

Este migrante vivia com muita dificuldade na cidade, mas também não pensava em voltar para sua terra natal. A história de vida de Agostinho Neto representa, assim como a de José Costa da Silva, inúmeros migrantes que se direcionaram para São Paulo em busca de melhoria de vida, e que ao invés disso se depararam com outras dificuldades, acabando por ficar a margem da sociedade, permanecendo explorados pelo trabalho ou pela falta deste.

Agostinho Neto e outros moradores do bairro, que também perderam suas casas com a chuva, se organizaram e unidos foram à luta em busca de seus direitos. Muitos deles faltaram dias de serviço para se reunirem em encontros regionais da Comissão de Desabrigados (organizada pela Comissão de Comunidade de Bairros).

Esses sujeitos corriam o risco de perder o emprego e piorar ainda mais a situação financeira. Mas a organização coletiva dava-lhes força na luta para permanecer no lugar, mesmo que na condição anterior à destruição, no barraco conquistado: “Valeu a pena de ter lutado juntos pois conseguimos os barracos novos e estamos em nossos barraco, vivemos vida nova; se acontecer com outras pessoas o mesmo vamos também ajuda-los pois sabemos defender” [sic] (p. 16).

As narrativas epistolares evidenciam as condições de vida dos migrantes no âmbito urbano, marcadas pelas dificuldades do trabalho. Destaca-se também, a organização coletiva dos migrantes, na luta por melhores condições de vida no lugar chegado; a esperança “por dias melhores” pautada em inúmeras retiradas, no vai e vem das lutas, sonhos e esperanças, arriscando suas próprias vidas.

Ao analisarmos as narrativas percebemos que o “mundo do trabalho” permeia o cotidiano dos migrantes. Por vezes os fatores de expulsão e de atração (condição de existência e condição de realização pessoal, social e econômica) ligados ao trabalho, são determinantes para o deslocamento do migrante, seja no seu sentido material ou simbólico (GOËTTERT, 2008, p.216).

Segundo o sociólogo polonês Bauman (2005, p. 37), estamos vivendo em uma época da “modernidade líquida”, em que tudo se torna cada vez mais solúvel, volátil e efêmero, sendo as identidades decisões, caminhos que os sujeitos tomam no decorrer de suas vidas, que estão aptas a mudanças há quaisquer instantes, “como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento”.

Para este autor a identidade está ligada a concepção de pertencimento ao lugar de origem e de destino, o duplo sentido do pertencer ocorre em função das múltiplas necessidades humanas, sejam elas no diferente ou no comum. Todavia a práxis do trabalho com as cartas evidenciam que o fazer-se migrante é um fazer pela necessidade do trabalho, os lugares e tempos distintos entre a saída e a

chegada se cruzam e interpenetram nas relações de trabalho e pelas relações sociais.

Entender as identidades pelas experiências migratórias é considerar o “mundo do trabalho” como determinante à sua existência. À formação da identidade do próprio migrante. Trabalhadores e trabalhadoras que lutam por uma vida melhor evidenciam a todo o momento o desenraizar pela necessidade do trabalho, o que acentua ainda mais para estes sujeitos a construção da identidade.

Simone Weil (1996. p. 411) ao abordar a opressão e a condição operária pautada em sua vivência de trabalho de campo no chão da fábrica na França, discute que “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir”.

Para a autora, o problema do desenraizamento se torna inevitável aos migrantes, sobretudo pelas condições de trabalho “embora geograficamente permanecendo num local, moralmente foram desenraizados, exilados e readmitidos, por tolerância, como cerne de trabalho”. (WEIL 1996, p. 413). O desenraizamento é inevitável aos migrantes, suas identidades se constroem e reconstroem por meio do universo das migrações - terra de erosão - ou melhor, para além do migrar, a necessidade do enraizamento se mistura numa simbiose do desenraizar.

Entende-se que “a identidade se constrói através de relações, isto é, é processual e relacional e, portanto, capaz de se adaptar às transformações sociais e pode ser vista como uma construção social de pertencimento” (SANTOS, 1997, p. 14). O nascer e o morrer do migrante se faz pela experiência do trabalho, neste sentido, suas identidades são entendidas das e nas relações de trabalho.

“O lavrador e a mecanização”^v: Algumas considerações.

A história de Maurilio da Silva chama atenção primeiramente pelo título da carta nomeada pelo mesmo: “O lavrador e a mecanização”, indicando a mensagem que o remetente quer passar aos seus leitores.

Maurilio da Silva narra sua vida em Sertanejo, no Paraná, onde juntamente com sua esposa trabalhavam como meeiros em uma fazenda, e ali plantavam milho, amendoim, arroz e girassol. Com a chegada da mecanização no ano de 1976, o

dono da fazenda despediu a família de Maurilio, ou melhor, exigiu que saísse da fazenda. A opção foi migrar para a cidade em busca de novas oportunidades de trabalho: “e foi com a chegada da mecanização na agricultura e no cultivo do trigo e da soja, que o fazendeiro exigiu que deixássemos suas terras” (p. 14).

O caminho percorrido por Maurilio da Silva, após expulsão da fazenda, iniciou por Apucarana (PR), passando por Londrina e fixando-se em Campinas. Em Apucarana trabalhava como diarista em uma fazenda, mas ganhava tão pouco que acabou ficando nesta fazenda apenas três meses.

Depois migrou, sempre acompanhado da esposa, para Londrina onde morou por seis anos, como podemos perceber na fala a seguir: “trabalhamos numa fazenda de café e ganhamos por dia tão pouco que nem dava para viver, Cr\$ 30,00. Lá ficamos 3 meses e em seguida viemos para Londrina e apesar desta cidade ter poucas indústrias a gente ainda permaneceu cerca de 6 anos ali” (p.14).

Esta narrativa propicia uma reflexão ao traçar um paralelo com a vida da família de Maurilio da Silva no campo, em Sertanejo (PR), e na cidade, em Campinas (SP): se num primeiro momento Maurilio percebe a mecanização na lavoura em Sertanejo como algo ruim ao seu trabalho de meeiro, em Londrina Maurilio enxerga a mecanização das fábricas como uma das possibilidades de trabalho na cidade: “apesar desta cidade ter poucas indústrias a gente ainda permaneceu cerca de 6 anos ali” (p. 14).

Ao se envolver nas reivindicações por moradia em Campinas acabara por mudar-se para uma favela, deixando sua esposa e filhos em Souza, distrito de Campinas, em nome da organização social:

A minha família mora em Sousa distrito de Campinas e eu moro em uma favela, pois sou um dos que a 3 anos juntamente a outro iniciamos a luta na favela. Tudo começou com a abertura da primeira rua da favela a rua do Povo, o nome é em homenagem ao mutirão dos moradores da favela 29 (p. 14)

A fala de Maurilio da Silva está pautada de orgulho por sua participação na luta por melhorias na comunidade. Os frutos dessas lutas são evidenciados pelo mesmo, ao salientar que “a nossa luta já está bem avançada, a canalização da rede de água está na sua fase final à abertura dos esgotos já se iniciou” (p. 14).

A Comunidade de Bairro foi o apoio que todos precisavam. Uma organização que, na década de 1980, agia com padrões inovadores de ações coletivas e não individualistas, como sugere Alonso (1994, p. 84) sobre os movimentos sociais daquele contexto: “O conceito de movimento social é entendido como uma forma de ação coletiva baseada na solidariedade, desenvolvendo um conflito, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação”.

Como um lugar de socialização, Maurilio da Silva ressalta o salão comunitário da favela, que servia tanto para missas como para alguma festividade da comunidade, tendo ainda assessoria técnica e jurídica.

Podemos observar nesta carta, entre outras questões, três momentos desta família de migrante: a expulsão do trabalho no campo pela mecanização; as tentativas de sobrevivência do trabalho na cidade, e por último, o contato que Maurilio teve com o Movimento de Bairro, em que uniu suas forças em prol de algo comum aos outros migrantes.

A história de vida de José da Silva, Agostinho Neto e de Maurilio da Silva, que a (re)construção da identidade é entendida por meio das experiências do trabalho, das e nas relações de trabalho, em que estão a todo o momento (re)criando em plena negociação, sejam elas pela identificação como meeiro, trabalhador no campo, trabalhador nas fábricas das cidades, ou pela identidade coletiva dos movimentos sociais.

Assim, é preciso admitir que as identidades laborais construídas em meio às mudanças no mundo do trabalho não são permanentes ou estáveis, mas sim dinâmicas devido às sínteses, sempre provisórias, realizadas pelos trabalhadores sobre suas experiências. Por isso, torna-se importante a tentativa de atingir o caráter coletivo da experiência dos trabalhadores (...) (MASCHIO, 2008, p. 100).

Neste texto tentou-se apontar as análises iniciais do trabalho com cartas dos *Boletins Vai Vem*, como possibilidade de análise histórica pautada na perspectiva da história social do trabalho para refletirmos sobre o conceito de identidade no processo das migrações.

As três narrativas epistolares analisadas expressam as experiências vividas por homens e mulheres migrantes: suas lutas, suas trajetórias, suas formas de

organizações sociais, as relações de trabalho. As identidades dos migrantes que são criadas e recriadas por meio das relações de trabalho e das relações sociais.

Fontes utilizadas

Boletim das migrações Vai Vem. Ano 2, nº 5, mês Junho, ano 1982, p. 16.

Boletim das migrações Vai Vem. Ano 2, nº 6, mês Setembro, ano 1982, p. 14.

Boletim das migrações Vai Vem. Ano 3, nº 11, mês Dezembro, ano 1983, p. 11.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Luiza Kelin. Movimentos sociais e cidadania: a contribuição da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane Paris. *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. – São PAULO: Cortez, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BOSI, Éclea. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.) *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1999.

GOËTTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: Olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MASCHIO, Maralice. A vida pelo trabalho: Os sobreviventes das mudanças do trabalho do setor de serviços. BOSI, A. P ealt. *Trabalho e movimentos sociais*. – Cascavel : EDUNIOSTE (Série Tempos Históricos) 2008.

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. *O grito abençoado da periferia: Trajetórias e contradições do IAJES e dos movimentos populares na Andradina dos anos 1980*. A Dissertação de Mestrado em História – Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá 2006. 2010.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. *Revista. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, 2010.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo. UNESP, 1992.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A terra no Imaginário dos migrantes Temporários. *Revista Pral*, N. 4 p.103-120,2001.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão/seleção e apresentação* Ecléia Bosi; tradução Therezinha G. G. Langlada - 2º ed. Ver. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ⁱ Este texto foi publicado como ensaio de graduação na *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.2, nº3 jul-dez, 2012. p.172-186, site: <http://www.trilhasdahistoria.ufms.br/>. Todavia têm-se algumas reformulações nesta versão.

ⁱⁱ IAJES era uma organização dirigida por padres, como o padre progressista João Carlos Oliveri e outras pessoas inspiradas na Teologia da Libertação, que ficou conhecido por seu caráter religioso, sobretudo partidário de esquerda, tendo em seus referenciais a inspiração nas ideias marxistas. Suas ações eram de cunho assistencial e político, dentro do universo destas ações estavam os seguintes movimentos: negros, indígenas, mulheres, sociedade de amigos de bairro (SAB's), Comunidade Eclesiais de Base (CEB's), pela reforma agrária, pela saúde e pelo fortalecimento do Partido dos Trabalhadores (PT), entre outros. Sobre um entender maior do Instituto ver o trabalho de dissertação da Marina Esteves de Oliveira (2006, p. 119).

ⁱⁱⁱ *Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 3, nº 11, mês Dezembro, ano 1983, p. 11.

^{iv} *Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 2, nº 5, mês Junho, ano 1982, p. 16.

^v Título da carta de Maurilio da Silva foi enviada para editorial na data 15/07/1982. *Boletim das migrações Vai Vem*. Ano 2, nº 6, mês Setembro, ano 1982, p. 14.